

Entre cerveja, música e paquera, a periferia se diverte

Fernando Garayo

Sábado, 15 horas. José Carlos começa a montar o teclado Casio, as caixas de som e microfones num espaço de cem metros quadrados, um rancho coberto por telhas de amianto apoiadas sobre caibro e ripas pintadas de vermelho. A cor branca original das telhas foi substituída pelo escuro do bolor gerado pela infiltração de água da chuva. O piso rústico, tomado por rachaduras, em poucas horas será palco de mais um dia de baile no Bar do Valdomiro. O local é cercado por uma grade de ferro que vai do piso ao teto. As mesas amarelas com o logotipo da cervejaria Cristal espalhadas pelo salão aguardam os freqüentadores.

Uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, solitária em um canto do bar, está acompanhada de uma vela, uma rosa vermelha e um copo de água, que é trocada todos os dias por Valdomiro. Parece observar tudo o que se passa, mas os freqüentadores nem tomam conhecimento. São poucos os que percebem a presença da santa no local.

O público começa a chegar por volta das 16 horas. Estão lá homens, mulheres, jovens e até crianças que se misturam aos adultos.

- É um local agradável e não tenho problema de estar num ambiente onde os freqüentadores têm idade para ser meus pais e alguns até meus avós, diz Márcia, uma jovem de aproximadamente 24 anos.

Os gêneros musicais são variados: forró, samba, axé, funk, rock dos anos 60 e lambada estão no repertório de José Carlos.

Iniciado o *rala coxa*, é comum ver mulher dançar com mulher e homens dançarem entre si. O som é alto e chama atenção da vizinhança, que sai à calçada para ouvir e ver o que está acontecendo. Fiéis da Assembléia de Deus, que fica a menos de 30 metros do bar, evitam passar na calçada no momento em se dirigem ao culto.

Enquanto os adultos dançam, crianças se enroscam entre eles. A empregada doméstica Luciene trouxe o filho de cinco anos, que corre pelo salão durante quase todo o baile; só pára quando cansa. A mãe quase não consegue se divertir pois precisa evitar que o menino faça alguma arte.

Dias desses, o garoto, por muito pouco, não deixou uma colega de Luciene, Joana, nua no meio do baile. Na sua inocência, o menino puxou a saia da amiga da mãe com um safanão.

Luciene tem quatro filhos, um fruto de estupro. O pai dos outros três sumiu no mundo. Ela namora Neide há alguns meses e está feliz com a companheira. Neide foi casada, mas um dia se apaixonou por uma moça. Conta que foi uma paixão tão grande que deixou o marido a ver navios. Hoje mora numa edícula nos fundos da casa de uma das filhas.

- No início, minha família não aceitava o fato de eu ser homossexual, mas depois acabou entendendo que mereço ser feliz à minha maneira.

A babá Lurdinha é solteira e vai sempre ao baile. É sócia de carteirinha. Vestindo bermudão, camiseta, tênis e óculos escuros, dança com as amigas. Gosta de exibir as tatuagens no braço e na perna, e de paquerar as meninas. Ainda não arrumou uma namorada no baile, mas não perde a esperança.

- Gosto daqui. É divertido. Danço, paquero e bato muito papo com os amigos e amigas, sem falar da cervejinha.

Enquanto a música rola, Valdomiro sua no balcão. A essa altura já está sem a camisa devido ao calor. Com a ajuda de Pacheco, seu fiel colaborador, se desdobra para atender os clientes. É nos dias de baile que vende mais cerveja; o consumo chega a triplicar.

Depois de uma hora a festa fica mais animada. Com o efeito da cerveja e de um drinque similar à cuba libre - uma mistura de Coca-cola, pinga e limão -, todos ficam mais alegres. As mulheres perdem a timidez e mesmo sem um parceiro para acompanhá-las na dança, se soltam no salão. Os homens, ainda um pouco tímidos, só observam.

Moisés, um serralheiro, fica em pé na porta do bar, observando com olhos atentos. Parece um animal à procura de caça, mas garante ser fiel à esposa. Explica que gosta da música e por isso vai sempre ao local.

A mais bela das frequentadoras é Cida, irmã do cantor. Ela canta com José Carlos quando a música exige uma voz feminina. Cida tem 31 anos, mas parece uma menina de 19. Lembra uma índia: morena, cabelos longos e negros, olhos da mesma cor. Quando dança é a atração do baile, e quando canta o funk *Tô ficando atoladinha*, a

imaginação dos homens e de algumas meninas vai longe. Mas Cida é séria e não dá confiança para ninguém.

Pacheco, além de servir os fregueses, também é uma espécie de segurança. Observa tudo ao redor. Quando Paula, uma desempregada, chega, é hora de colocá-la para fora. Paula é alcoólatra e para evitar que fique pedindo bebidas e provocando mal estar, só pode ficar na calçada. Mas o pessoal leva a bebida a ela, por dó. Paula tem casa, mas fica praticamente dia e noite na praça da paróquia do Parque Novo Mundo com outros alcoólatras.

Vestindo calça jeans, bota preta, camisa social com a manga dobrada até o meio do braço e chapéu preto, Preta parece pronta para ir a um rodeio de peão. É a que mais dança e o suor escorre por suas vestes. Separada do marido, já é avó. Diz que está com um cara que não quer nada sério com ela. É só para transar mesmo.

Dez horas da noite e o baile chega ao final. As pessoas vão saindo lentamente, levando para casa um coração mais alegre e a esperança de que no próximo sábado estarão lá novamente, com a mesma energia.